

Âncoras de isopor

18 NOV 1993

Tudo indica que o governo caminha na direção de fazer "alguma coisa" mais contundente contra a inflação, principalmente se conseguir, com as medidas que vai anunciar neste final de ano, um ajuste fiscal que lhe dê confiança para tanto.

Fala-se em ajuste fiscal e em "âncoras". Âncora é coisa de navio, na verdade um barco de enormes dimensões, a inflação brasileira. Seu motor é alimentado pelos desequilíbrios fiscais do setor público e pelas demais pressões que levam à emissão de moeda.

Pensar em âncora faz sentido, mas o fundamental é parar o motor. Se a âncora for lançada sem isso, o movimento do navio continuará e acabará por estourar a corrente dela. O capitão Sarney era especialista nesse tipo de manobra, lançando a âncora do congelamento e acelerando o motor com o aumento do déficit fiscal. No caso, a corrente nem chegava a estourar, pois a âncora do congelamento se derretia por si mesma.

Agora é a vez do capitão Itamar. Seu nome até que combina com âncoras e navios. Tirando isso, o resto do cenário não favorece, com exceção agora do que se passa nos porões da bandalheira, onde o pessoal que ganha comissão pelo gasto de combustível sossegou um pouco. O mar está agitado pelo vento da política. Pior ainda, o que vai soprar no ano eleitoral costuma exigir mais força do motor e usualmente aumenta o déficit.

Essa relação entre déficit e pressões políticas é conhecida. Mas as âncoras também exigem



Vai sobrar muito serviço para o próximo comandante e sua tripulação

sustentação política, sem o que serão de isopor, afundando só pelo peso da corrente, mas logo voltando à tona, porque o material é frágil e fluante.

O navio é tão grande que exigirá várias âncoras. A monetária é a mais importante, pois sem ela as outras não funcionam. Todo mundo fala da "dolarização" na Argentina, mas usualmente ignora-se o fundamental: há uma pesada âncora monetária,

pois só se emite para comprar moeda forte ou ouro. Mas uma âncora monetária tornará o dinheiro mais escasso e aumentará fortemente a taxa de juros. O presidente aceitará isso?

Quanto à âncora cambial, na Argentina ela levou à valorização da moeda local, barateando as importações e desestimulando as exportações. Lá isso tem apoio político, em particular porque o país exporta o que come (trigo e carne) e a desvalorização da moeda tem um impacto muito forte sobre o custo de vida. Por isso mesmo os peronistas têm uma tradição de segurar o câmbio.

O Brasil não exporta sua dieta básica (arroz e feijão) e o trabalhador, ao contrário do argentino, nem sabe muito bem o que é taxa de câmbio. Mas se deixar por conta do seu líder maior, o Lula, este, ao contrário dos peronistas, vai querer desvalorizar o câmbio, pois isso aumentaria a competitividade das indústrias onde trabalham seus metalúrgicos, ao encarecer, por exemplo, os carros importados, e tornar mais baratos os exportados. Ademais, os exportadores já são muito fortes aqui. O que

vi lá em Brasília confirma isso: a pressão pela desvalorização é muito mais forte do que a da valorização do cruzeiro. Portanto, não vai ser fácil segurar uma âncora cambial.

Há, ainda, a âncora salarial e dos benefícios da Previdência, que, por motivos óbvios, poucos se atrevem a mencionar, embora sempre integre os planos de estabilização, aqui e alhures. A equipe econômica deve estar cozinhando algo nessa área, mas essa âncora talvez nem mesmo seja lançada, porque o ministro Barelli e o deputado Roberto Freire provavelmente não vão querer ajudar. Ambos podem até pedir o chapéu, antes que recebam um de marujo, lançador de âncora salarial. A Justiça Trabalhista também não gos-

ta de colaborar e, ainda recentemente, fez flutuar as âncoras salariais de planos anteriores, mandando repor as "perdas".

Com um motor difficilimo de parar, ventos fortes, indecisões na cabine de comando, âncoras que resistirão em afundar e marujos rebeldes, a probabilidade de acabar com a inflação neste final de governo é muito pequena. Mas, ficarei exultante de alegria se ele acertar, mesmo que parcialmente. Com todos esses problemas, só uma coisa é certa: vai sobrar muito serviço para o próximo comandante e sua tripulação, tanto no motor como nas âncoras.

■ Roberto Macedo, professor da FEA-USP, é pesquisador da Fipe e do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial.

ESTADO DE SÃO PAULO

